

## A existência é um continuum

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Neste texto, Sandor nos apresenta o alcance da psicoterapia analítica corporal, abrangendo dimensões além da personalidade atual.

As queixas de pacientes que procuram a psicoterapia revelam bloqueios e estancamentos no fluxo energético vital. Na medida em que começam a acontecer aberturas, lentamente a continuidade do fluxo vital é retomada.

Sandor introduz a importância do corpo neste processo de retomada da continuidade da existência.

*“No desenvolvimento da perícia profissional, da sensibilidade, da sensibilidade profissional é necessário ter aquele contato com o paciente que criará aberturas, sabendo que, por essas aberturas criadas sairá, no início, muita coisa feia, mas isso pertence, como purificação inicial, ao processo. E também, nesses momentos, temos que saber que cada saída (de coisas feias) dos pacientes mobiliza também a saída em nós de uma porção de acumulações não mais autênticas, desnecessárias, que mais impedem e obstruem a nossa maturação profissional do que ajudam. Jung aponta: cada paciente traz uma mensagem sobre os nossos pontos cegos, mas traz também uma ajuda para nos livrar daquilo que não é mais autêntico. Esse é um processo energético que pertence atualmente à individuação, porque dessa maneira podemos ver mais e mais claramente as extensões do mito pessoal tanto no paciente quanto no mito pessoal do terapeuta. Esse mito pessoal não se refere apenas à nossa personalidade atual, mas tem as extensões tanto para frente como para trás, tanto faz se acreditamos na reencarnação ou não, ou acreditamos em existências futuras ou não, porque, mesmo sem adotar essas ideias, trata-se da continuidade. E se nós, nessa existência, nessa personalidade, representamos uma manifestação de uma continuidade maior, tanto faz qual é o nome ou qual é a hipótese que nós criamos em redor dessa idéia. A existência é um ‘continuum’...”*

Agora, essa continuidade está no corpo humano representada, por exemplo, - é apenas um dos muitos exemplos – pelas articulações. Então, quando existe no paciente, qualquer tipo de descontinuidade (seja perceptiva, emotiva, existencial, intelectual, social, ou qualquer coisa que seja), significa que o fluxo energético está interrompido. Sabemos que as articulações no nosso esqueleto podem servir como peculiares impedimentos ao fluxo da energia. Isso é quase um teste energético: o fluxo da nossa energia está na frequência adequada para poder superar a descontinuidade das articulações? Então, nós temos que rearticular. Para isso servem os trabalhos com as articulações.

Isso não é uma brincadeira, um jogo com as palavras, porque atrás de cada palavra existem – podem ver nos hieróglifos egípcios, chineses, na escrita hebraica: cada letra, cada palavra significa algo e pode significar muitas outras coisas em diversos níveis, em diversos quadros. E, se isso existia e funcionava, por que não deve funcionar agora e por que não devemos fazer funcionar também agora? Falando de articulação anatômica e desarticulação psíquica e rearticulação psíquica, por exemplo, trabalhar com articulação. Porque o corpo, ao contrário do que costumam colocar, que é a fonte de pecado, originalmente, na sua forma original, era quase como – vou utilizar uma expressão religiosa – um sacramento, em certos povos antigos. Isso foi perdido no decorrer do tempo, quando o corpo ficou utilizado de modo inadequado. Nem quero dizer que foi conspurcado. E agora, estamos nessa fase do reavivamento, do contato corporal em outros termos, do trabalho corporal e toques e todos os outros tipos de intervenções, quando quase libertamos o corpo dessas taras indevidamente, ou ilegalmente coladas, ou libertamos daqueles resíduos, que talvez em certas épocas serviram como uma muleta, serviram como exemplo, mas em outras épocas já significaram meandros e possibilidades de desencontro interno e desvio em relação com os dinamismos mais sutis.

Conhecem aquela figura de SHIVA e SHAKTI, que estão em eterno amplexo e com isso estão sustentando o mundo: os hindus quando estão se unindo sexualmente têm a consciência de que com isso estão ajudando SHIVA e SHAKTI a manter e sustentar o mundo; não apenas procurar o “enjoy sex”, isto é, deleitar-se com o sexo, ou apenas transar, mas trata-se de um entrelaçamento entre dinamismos superiores com inferiores. Do mesmo modo como existiram, desde a Antiguidade, gestos, posturas de cura, de transmissão de energia, talvez de modo menos ostentativo e menos “enferrujado”, mas numa versão nova, a gente pode utilizar, e utilizamos na realidade, os mesmos gestos numa apresentação diferente e as mesmas posturas para a reorganização energética. Naturalmente,

acarretará uma reorganização fisiológica, biológica e até certo ponto, abrirá a possibilidade para uma reorganização anatômica na pessoa.

Por outro lado, essas reorganizações têm as suas extensões e analogias também na organização psíquica. Eu já mostrei várias vezes aquele modelo, aquela peculiar relação do inconsciente com o consciente, que também pertence ao consciente corpóreo e inconsciente corpóreo: como tudo atinge tudo, em qualquer categoria, um impulso adequadamente colocado reverbera nas outras categorias do psíquico para o físico nas suas diversas modalidades, e do físico para o psíquico, do somático para o psíquico nas suas diversas modalidades.

E , ao mesmo tempo, temos que saber que aquilo com que lidamos, em parte, em boa parte, a maior parte, não é nosso, pertence a toda aquela atmosfera do fluxo vital, que está sustentando tudo que é ser vivo, a qualquer reino da natureza que pertença, ou qualquer categoria superior que pertença. Dessa maneira, em termos adequados, tudo pode relacionar-se com tudo.

Então, quando nós nos empenhamos e junto com a terapia verbal, utilizamos o corpo também como meio, como auxiliar ou coadjuvante para a terapia, até às vezes, como co-terapeuta, simplesmente estamos de novo realizando, repurificando um conceito antigo, que pertence àqueles conceitos que foram considerados como sagrados. Eu usei a palavra sacramento. Temos que, logo, dessa maneira, - não em termos eclesiásticos e teológicos, mas em termos existenciais, consagrar de novo o corpo, porque sabemos que, nesse caso, já temos que falar em corpos, como fossem diversas camadas sobrepostas, que uns, com certa fantasia culinária, muitas vezes comparam com uma cebola, com as suas camadas sobrepostas. E a ideia nem é tão ruim”.